

PRETO NO BRANCO: A DEMOCRACIA CORINTIANA NAS PÁGINAS DO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO*

Luiz Antonio Dias¹
Michelle Cuciol da Silva Farina²

Resumo: Neste trabalho, buscamos compreender a importância do movimento denominado “Democracia Corinthiana”, ocorrido na primeira metade da década de 1980, durante as lutas pela redemocratização ocorridas na cidade de São Paulo e, sobretudo, de que forma tal movimento, ligado ao futebol, foi apresentado nas páginas – esportivas, políticas, e mesmo policiais – do jornal *Folha de São Paulo*. Para tanto, utilizamos como fonte primária exemplares publicados entre março de 1983 – quando o candidato da chapa “Democracia Corinthiana”, Waldemar Pires, foi eleito presidente do clube – e abril de 1984, quando a emenda “Dante de Oliveira”, que instituiria eleições diretas para presidente em 1985, foi derrotada no Congresso Nacional. Ao longo da análise percebemos que o jornal *Folha de São Paulo*, oscilava entre a defesa dos princípios da “Democracia Corinthiana” e críticas ao modelo, sobretudo nos momentos em que o desempenho ruim da equipe era associado à divisão interna do grupo.

Palavras-chave: Redemocratização; Imprensa; Futebol; Democracia Corinthiana.

Black White: The Corinthian Democracy in the pages of the newspaper *Folha de São Paulo*

Abstract: In this paper we seek to understand the importance of the movement called "Democracy Corinthian", occurred in the first half of the 1980s, in the struggle for democracy occurred in the city of São Paulo, and especially how this movement, connected to football, was presented by the newspaper *Folha de São Paulo* - sports, political and even police. Therefore, we use as a primary source, copies of this journal from March 1983 - when the ticket candidate of "Democracy Corinthian," Waldemar Pires, was elected president of the club - and April 1984 when the amendment Dante de Oliveira - that would institute direct elections for president, already in 1985 - was defeated in Congress. Throughout the analysis we realized that the newspaper *Folha de São Paulo*, would oscillate between the principles of the "Democracia Corinthiana" and the critics to the model, above all, when the poor performance of the team was associated to the internal division of the group.

Keywords: Redemocratization; Press; football; Corinthian democracy.

¹ Doutor em História Social (UNESP-ASSIS). Professor do Programa de Pós Graduação em História PUCSP; Professor do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas UNISA-SP. São Paulo. Brasil. E-mail ladias@pucsp.br.

² Mestranda em Ciências Humanas (UNISA). São Paulo. Brasil. E-mail micuciolfarina@hotmail.com.

“Como é bom ser alvinegro, ontem, hoje e amanhã, respirar sua mistura do Tietê a Tatuapé, lá no alto a Velha Penha tem Anchieta e Bandeirante, tem São Jorge lá na lua, abençoando a fazendinha onde mora um gigante, tem igreja e tem biquinha... Coríntia, Coríntia, meu amor é o timão... Coríntia, cada minuto dentro do meu coração, Coríntia, Coríntia, meu amor é o timão, Coríntia, cada minuto dentro do meu coração.”

(*Coríntia, meu amor é o Timão*: Adoniran Barbosa e Juvenal Fernandes).

Falar de futebol e não falar do Corinthians é o mesmo que falar da cidade de São Paulo e não mencionar o futebol, já que ambos possuem uma história compartilhada, carregando dicotomias e ambiguidades, alvo constante de amor e ódio. Tomamos aqui o termo “ambiguidade” na concepção de Chauí, que indica má reputação, posto que é definido como “sinônimo de incerto, indeterminado, duvidoso, dúplice, sugere o que é pouco rigoroso, do ponto de vista teórico, e pouco digno de confiança, no plano moral.” (1989, p. 121). Apesar disso, a autora afirma que tal ambiguidade não é ruim, mas inerente ao ser humano – que é às vezes isso, e outras vezes aquilo. Desta mesma maneira, pode o torcedor em certos momentos amar o seu time com todo o coração e, já em outras ocasiões, odiá-lo com todas as suas forças, sem que isso seja levado como um inaceitável paradoxo ou bipolaridade clínica. Chauí ainda ressalta que o intelectual deve observar seu sujeito dentro dessa complexa “ambiguidade”, pois só desta forma poderá entender o indivíduo como um todo e não como partes isoladas e estanques.

Discutiremos então, de forma circunstancial, esse contexto na cidade de São Paulo e, de forma especial, o Corinthians, em um delicado e importante momento de suas histórias – e, claro, também da história do país – a mobilização pelas “Diretas-Já”, acompanhada do evento denominado “Democracia Coríntiana” dentro do clube. Mostraremos como o jornal *Folha de São Paulo* analisou e veiculou esse momento, buscando mostrar que, dentro de um projeto iniciado na década de 70, o jornal procurou levar ao povo os aspectos positivos e importantes do momento político memorável vivido no Corinthians – diferente de outros periódicos como o jornal *A Gazeta Esportiva*, que manteve uma postura extremamente crítica e negativa ao longo de toda essa experiência coríntiana. Evidentemente, levamos em consideração os vários interesses conflitantes no interior das redações dos jornais. No referido momento de transição, o futebol e a política estavam intrinsicamente ligados, mas paixões e ambiguidades como as apontadas acima também devem ser levadas em conta.

Dois temas recentemente incorporados ao universo dos historiadores, o jornal e futebol, ainda carregam o peso de certo

preconceito intelectual, principalmente o futebol. Nas ciências humanas, notadamente entre historiadores, temos recorrido a arquivos e a publicações da imprensa como fonte de análise de determinados acontecimentos históricos. Depois das contribuições da *Escola dos Annales*, o historiador relativizou as certezas de que essa a imprensa era, *a priori*, uma fonte “suspeita”, ou representava prioritariamente os interesses do grupo social da qual estava vinculado. Graças a essas contribuições, a ilusão de que a fonte podia ser isenta de influências advindas de um dado contexto histórico foram definitivamente superadas. Contudo, é importante destacar que dependendo das necessidades e conveniências do momento histórico, as fontes podem ser manipuladas a fim de justificar ou produzir uma realidade que legitime o discurso de uma época. Cabe, portanto, ao pesquisador, analisar o documento de forma neutra e devidamente crítica para dele retirar a sua real mensagem.

Assim, por exemplo, notícias sobre os movimentos sociais ou sobre greves veiculadas por algum jornal da grande imprensa ou revista semanal no período da ditadura, são ali deslocados e imediatamente articuladas à produção de uma narrativa sobre como ocorriam os movimentos naquele período. (CRUZ, 2007, p. 258).

As notícias e narrativas trazidas nos jornais não podem, pois, serem tomadas como verdade absoluta, uma vez que estão diretamente relacionadas aos interesses econômicos e ao alinhamento ideológico de seus mantenedores. Em outras palavras, a narrativa jornalística é uma construção histórica que carrega os sentimentos, desejos e interesses da linha editorial do jornal. A forma como o jornal *Folha de São Paulo* estampou em suas páginas as notícias sobre a Campanha pelas Diretas e a Democracia Corintiana são, nos eixos analíticos centrais, um caso exemplar do que aqui estamos argumentando.

(...) importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos. (LUCA, 2006, 140)

Interesses paralelos voltados para obter privilégios políticos e vantagens econômicas atravessam os fatos constantemente, mas nem sempre são percebidos por todos. A imprensa e seus agentes orgânicos, os proprietários, editores e jornalistas, são quem determinam o que será “notícia” e, o que é mais importante, a forma como ela será noticiada. Cabe então ao historiador aplicar o rigor técnico e metodológico de sua profissão na análise de tais fatos e documentos, a fim de problematizar sua estrutura, discutir suas nuances e, assim, oferecer bases para o melhor entendimento de causas e motivações que elevam determinado

acontecimento a condição de “notícia”. Assim, será fundamental apresentar os interesses e afiliações do jornal no respectivo momento.

O futebol, por sua vez, só recentemente tem abandonado as arquibancadas para adentrar as universidades e centros de pesquisa. Desde o final do século XX, uma profusão de trabalhos acadêmicos de intelectuais, entre eles jornalistas, sociólogos e historiadores, tem buscado dar lugar maior a esse elemento cultural, que participa da construção da identidade nacional. A constatação de Hilário Franco Jr., “(...) No Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado”. (2007, p. 11) é bastante pertinente, visto que ainda existe na academia certo estranhamento sobre esse tema.

Somente dentro dessa perspectiva podemos entender a euforia provocada com a conquista do tricampeonato mundial, em 1970, mesmo entre aqueles que lutavam contra a ditadura militar e bradavam, na esteira dos “70 milhões em ação”, que o futebol havia se convertido no “ópio do povo”. Como salienta Hilário Franco Jr., a situação era de um ambiguidade ímpar:

Não foram poucas as discussões nos aparelhos guerrilheiros sobre qual seria a postura de um verdadeiro revolucionário diante da situação. (...) O nacionalismo de chuteiras abriu fissuras irreparáveis nas mais aguerridas convicções ideológicas. (2007, p. 144).

De forma semelhante, os primeiros trabalhos sobre o futebol no campo da história estiveram muito presos à ideia de apropriação do esporte pela Ditadura Militar como instrumento de dominação, sem perceberem a amplitude, complexidade e ambivalência do objeto. Assim, ressaltamos a reflexão de Juca Kfuri, para reforçar essa complexidade:

Futebol não é alienação, ao contrário. Ele mobiliza, ele reúne, ele é meio para que as pessoas se organizem e sintam sua força enquanto coletividade. Não terá sido por acaso, (...) que a primeira faixa pela Anistia no Brasil a aparecer para um grande público tenha sido desfraldada exatamente no meio da torcida corintiana, numa partida contra o Santos, no Morumbi, com mais de 110 mil pessoas, no dia 11 de fevereiro de 1979. (1983, p. 36)

Em um momento de forte controle do espaço público pelo Estado, o futebol pode se converter em um instrumento de luta política, mesmo que de maneira dualista.

Apresentaremos, de forma sucinta, a Campanha pelas Diretas-Já e sua ligação com o movimento Democracia Corintiana, segundo um recorte cronológico fundamentado em episódios vinculados ao próprio processo: iniciamos a análise dos exemplares da *Folha de São Paulo* a partir de março de 1983 – quando o candidato da chapa “Democracia Corintiana”, Waldemar Pires, foi eleito presidente do clube – e abril de 1984, quando a Emenda Constitucional Dante de Oliveira (PEC) nº05/1983 – que instituiria eleições diretas para presidente, já em 1985 – foi derrotada no Congresso Nacional. Ao longo desse período, pouco

mais de um ano, encontramos 67 referências no jornal *Folha de São Paulo* à Democracia Corinthiana, em grande parte relacionada ao próprio modelo. Cabe ressaltar que a Democracia Corinthiana teve início antes da eleição de Waldemar Pires e se estendeu para além da derrota da Emenda Dante de Oliveira, nesse sentido faremos um relato sucinto da construção desse modelo.

O Corinthians e a sua (nossa) democracia nas páginas da Folha

De forma breve, apresentamos agora como se deu o surgimento do Sport Clube Corinthians, este que possui uma das maiores torcidas do Brasil e que teve em sua história um papel de destaque no período crítico de transição política que o país viveu entre a década de 1970 até meados de 1980.

Em 1910, um grupo de cinco operários do bairro do Bom Retiro pensou em criar um clube de futebol popular, diferente dos clubes extremamente elitizados que havia até então, como o Paulistano e o Mackenzie. Esses jovens operários pensavam em um clube onde os pobres pudessem jogar e apreciar o esporte que encantava a sociedade naquele início de século e cuja prática era reservada apenas aos membros pertencentes à elite paulista.

Neste mesmo período, um clube inglês de nome *Corinthian Football Club* saiu do Porto de Southampton, na Inglaterra, e embarcou rumo ao Brasil. Tratava-se de uma delegação de futebolistas britânicos formada por estudantes de Oxford e Cambridge que realizou uma excursão pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo seduzindo o público brasileiro e, principalmente, os cinco jovens operários com suas partidas.

No dia 1 de setembro de 1910, esses cinco jovens resolveram tornar real o projeto de fundar um clube popular e deram-lhe o nome de Sport Club Corinthians Paulista, em homenagem ao time inglês. A renda foi adquirida por meio de doações de moradores vizinhos ao clube e só assim foi possível comprar a primeira bola. O primeiro jogo realizado foi no dia 10 de setembro do mesmo ano, levando a vitória de 1 a 0 sobre o time União da Lapa, do bairro vizinho.

Nesse momento, a Liga Paulista de Futebol, por ser dominada pela elite, ainda não reconhecia o clube de operários do Bom Retiro. Começa então a primeira de muitas lutas que os corinthianos ainda teriam pela frente: participar da Liga. Assim, sua primeira participação só ocorreu em 1913 e seu primeiro título somente em 1914.

Após a conquista, mais um desafio encarava o novo clube: era preciso construir um campo de futebol. Mesmo com muitas dificuldades financeiras, o campo foi devidamente construído e em tempo recorde, por meio mutirões formados por muitos torcedores. O espaço ficou pronto em 1916, local onde atualmente funciona o Clube de Regatas Tietê e, neste mesmo ano, o Corinthians conquistou o seu segundo título paulista de forma invicta. Foi a partir daí que o time começou a escrever sua história como um clube popular de torcedores fiéis e

apaixonados, chegando aos dias de hoje com mais de 30 milhões de corintianos espalhados pelo mundo todo.

Quando os cinco jovens operários iniciaram as arrecadações para obterem renda com o intuito de comprarem a bola do time, deram início também à disseminação de um sentimento de união entre os apoiadores que, mais tarde, se transformaria em algo além do simples trabalho em equipe. Os jovens saíram às ruas do Bom Retiro e arrecadaram cerca de seis mil réis, o necessário para comprar a bola em uma pequena loja de esportes localizada à Rua São Caetano. Com isso, conseguiram além da bola, um número crescente de associados, pois muitas pessoas queriam fazer parte de alguma maneira do clube popular, já que ainda não podiam frequentar os espaços elitizados. Esse pertencimento social somado às conquistas do time, que era representado por pessoas simples – operários, pobres e negros – fez com que o sentido de torcer pelo clube fosse além do placar e dos gols, como se desse ao torcedor um lugar no clube. Dessa história se construiu a ideia de que o time, desde sempre, rompia o pré-determinado, promovia a mudança de paradigmas e avançava para a incorporação de novos elementos e sujeitos ao cenário fechado do futebol.

Aqui, em longo salto temporal, passamos para o final da década de 70, quando o clube, após um longo jejum de títulos de quase 23 anos, começava a redefinir seu futuro. Campeão Paulista em 1977, após jogos extremamente difíceis e emocionantes, o novo “Corinthians” tentaria conquistar o mundo. Nesse mesmo momento, o jornal *Folha de São Paulo* intensificava seus esforços para reconstruir a sua imagem, iniciando uma sistemática oposição ao governo, sobretudo questionando a sua legitimidade. Para levar adiante tal tarefa, compôs forças com outros segmentos da sociedade civil também engajados na luta pela redemocratização do país, na defesa dos direitos humanos e em prol da liberdade de imprensa. De acordo com Silva (1988), a partir de meados da década de 1970, a *Folha de São Paulo* iniciou a construção de outra imagem que lhe asseguraria credibilidade para a passagem de uma etapa à outra sem que seu nome e sua história fossem comprometidos. Talvez por isso, a *Folha de São Paulo* então:

(...) passou a ser identificada como um jornal de resistência ao regime autoritário e uma espécie de ‘porta-voz’ da chamada “sociedade civil”. A direção da empresa teve a sensibilidade de perceber que o país mudava e apostou num rumo que, o futuro comprovaria, era o que a maior parte dos brasileiros desejava seguir. (SILVA, 1988, p. 27-8)

Destacamos que essa mudança esteve ligada a questões mais amplas e complexas que a mera “sensibilidade” do jornal, estando realmente vinculada às questões sociopolíticas do país. Essas mudanças começaram a acontecer, como bem observa Pilagallo (2012), a partir de incentivos que o governo Geisel oferecia ao jornal. De acordo com sua argumentação, ocorreram encontros entre Frias e Golbery para estabelecer as regras de um novo princípio institucional que estava

sendo impulsionado pela abertura política. Com essa iniciativa, a *Folha de São Paulo* ajudaria a fazer frente contra a linha-dura do governo. Outra contribuição para essa mudança de postura do grupo jornalístico foi a estabilidade financeira em que ele vivia.

O novo cenário político não foi o único fator que empurrou a *Folha* para uma posição mais independente. A essa altura, a empresa desfrutava de uma situação financeira confortável; havia realizado investimentos e saldado dívidas. Além disso, o jornal estava modernizado em termos tecnológicos e comerciais. O passo seguinte, na visão de Frias, seria fazer da *Folha* uma publicação influente. (PILAGALLO, 2012, p. 215)

Dando, portanto, sequência na sua bem sucedida tarefa pendular – passando de defensora do regime militar a baluarte da luta contra a ditadura – a *Folha de São Paulo* engajou-se de forma intensa e convicta na defesa da abertura política e, posteriormente, teve atuação marcante na jornada pelas Diretas: “Durante a Campanha das Diretas Já, o jornal se tornou, entre os veículos de imprensa, o principal depositário dos anseios da sociedade civil. (...) Identificada com essa vontade, a *Folha de São Paulo* capitalizou editorialmente.” (PILAGALLO, 2012, p. 215).

O jornal que havia apoiado o Golpe Civil-Militar, em 1964, se tornaria o grande veículo das “Diretas-Já”. Em outras palavras, o jornal buscava reescrever seu passado, a fim de ser absolvido no presente. Nesse sentido, a defesa da redemocratização, ainda que dentro do modelo estabelecido pelo próprio governo, encontrou na experiência corintiana um paralelo, assim o jornal defendia sua essência ao mesmo tempo em que condenava seus excessos.

Assim, o time e o jornal chegavam ao final da década de 1970 de forma completamente diferente daquela que havia iniciado.

A Democracia Corintiana surgiu posteriormente, em 1981, diante de uma (nova) grave crise no time, com derrotas e eliminações precoces. Já no início do mesmo ano, especificamente em fevereiro, a torcida Gaviões da Fiel fez o enterro simbólico do “ditador incompetente”, Vicente Matheus, até então presidente do clube.

Desde o final da década de 1970 – com o agravamento da crise econômica e o esgotamento do próprio regime – o futebol também não ia bem, como destaca Hilário Franco Jr., não apenas por razões econômicas, mas também pelo “(...) aumento crescente de participantes em cada edição, para ampliar o espaço político do regime, o campeonato Brasileiro chegou a reunir 94 clubes em 1979, consagrando a máxima ‘onde a Arena vai mal, mais um time no nacional.’” (2007, p. 150)

Como na política nacional, o clube buscou uma estratégia para “mudar sem alterar nada”. Assim, nessa transição, Waldemar Pires foi eleito em abril para a presidência do clube, – ele, que era vice de Matheus na gestão anterior – tendo o próprio Vicente Matheus como vice nessa nova composição. Acreditava-se que Pires seria um mero joguete nas mãos do “ditador incompetente”, no entanto, ainda em

1981, Matheus começava a perder espaço. Nessa nova gestão, Adilson Monteiro Alves, um jovem sociólogo, foi convidado a assumir a diretoria de futebol. Em setembro de 1981, o novo diretor contratou o técnico Mário Travaglini que, ao contrário da tendência futebolística do período, não era um “linha-dura”. Assim, da conjunção de fatores e de pessoas – além das já citadas, devemos incluir os jogadores Wladimir, Sócrates, Zé Maria, entre outros – começou a ser gestada a “Democracia Corinthiana”, no final do ano de 1981. Esse novo modelo trazia um elemento de destaque: a realização constante de consulta aos jogadores antes de qualquer tomada de decisões do Departamento de Futebol do Sport Clube Corinthians Paulista.

Adilson Monteiro Alves foi responsável por uma série de mudanças na gestão do clube, como a citada no parágrafo anterior. Permitia que os jogadores decidissem sobre o cotidiano do clube, as negociações, demissões e contratações, e isso incluía votar sobre a contratação ou saída de algum jogador do elenco, a necessidade de realização de concentração antes do jogo e até a escolha do técnico.

Enquanto esse modelo de gestão ocorria dentro do clube, fora dele (na sociedade brasileira) movimentos sociais e greves explodiam por todo o país. A insatisfação com o regime militar canalizava-se em torno da luta pelo direito de votar para a presidência da república: o movimento “Diretas Já”.

Para Martins, é fundamental ressaltar que a Democracia Corinthiana veio à tona num contexto de crise em que “as saídas apontadas para os problemas nacionais, frente a uma conjuntura econômica internacional instável, ainda estavam incertas” (2012, p. 42). Nesse cenário de transição, de esgotamento do modelo de desenvolvimento anterior, percebemos a emergência de novos movimentos sociais no Brasil. No futebol isso também aconteceu de maneira determinante, pois “as transformações na forma de produção e percepção da arte no século XX, as mudanças na base econômica também se refletem na superestrutura, como em todos os setores da cultura”. (MARTINS, 2012, p. 69)

Em um momento de crise e distensão do regime, o futebol, como parte do terreno cultural, não pôde ser instrumentalizado pelo governo militar, cumprindo naquele momento um papel diverso. A própria crise do futebol, conforme já apontamos, dificultou a sua utilização pelo regime. Assim, “O futebol não conseguiu mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele antecipava as fissuras que se abriam na ditadura. A mais significativa daquelas manifestações foi, sem dúvida, a Democracia Corinthiana” (FRANCO Jr., 2007, p. 151-2).

Nesse mesmo sentido, podemos apontar a análise de Unzete:

O momento político, de redemocratização do país após mais de duas décadas sob regime militar, favorecia o surgimento de movimentos como a Democracia Corinthiana. Ainda em 1982, enquanto não teve patrocinadores, o time levou estampada na camisa a seguinte mensagem: ‘Dia 15 vote’. Um apoio às primeiras

eleições diretas para governadores realizadas no Brasil desde 1966” (UNZETE, 2008, p. 146)¹

Um ponto que vale ser lembrado é o fato de o “Grêmio Gaviões da Fiel Torcida” ter sido fundado em 1969 e atuado em conjunto com o Movimento “Revolução Corinthiana” – segundo Martins, o termo “revolução” veio em alusão à retórica da Revolução do Golpe Militar de 1964. Ressalte-se, porém, que nesse momento de transformações, no final dos anos 1970, a posição da torcida também se alterava. Conforme já destacamos, em fevereiro de 1979 uma parte da torcida estendeu uma faixa no estádio do Morumbi lotado, com o “grito de guerra” de grande parte da sociedade, “Anistia, ampla, geral e irrestrita”, assim como teve também participação oficial no grande comício pelas Diretas em 25/01/1984.

Por um lado, podemos afirmar que os sujeitos envolvidos no movimento corintiano experimentaram os sentidos de democracia que muitos brasileiros gostariam de experimentar na sociedade. Por outro lado, os jogadores exerceram involuntariamente uma função política nada comum a jogadores de futebol, nem naquele período, nem atualmente. Desenvolveram reflexões sobre o grau de autonomia e de conscientização, permitindo que a Democracia Corinthiana conseguisse não só avançar no interior do departamento de futebol do clube, mas influenciar o restante da categoria, forjando uma configuração de trabalhadores da bola. (MARTINS, 2012, p. 23)

Conforme já apontamos, um dos nomes de maior destaque nesse processo foi o meia-atacante Sócrates. Nascido em Belém do Pará no dia 19 de fevereiro de 1954, “Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira” ingressou na faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em 1972, aos 18 anos de idade, conciliando a vida acadêmica com a de jogador de futebol profissional. Em 1976 foi artilheiro da competição com 15 gols. Em 1978, já formado e com seus 24 anos, aceitou ter o seu passe negociado com o Corinthians se tornando o maior camisa 8 da história alvinegra. “Entre amigos, no time do povo, sobrevivendo a recorrentes crises políticas vividas pelo Corinthians, Sócrates, paradoxalmente, encontraria o terreno fecundo para semear as suas ideias e elaborar as suas práticas de liberdade”. (FLORENZANO, 2009, p. 160)

Interessante destacar que o estilo técnico e refinado, em união com seu comportamento frio, eram o oposto do que a torcida corintiana imaginava por um “herói da fiel”. Assim, dentro da ambiguidade comum ao futebol, viveria – talvez mais que outros – uma relação de amor e ódio com a torcida. Nesse sentido, Florenzano destaque que:

¹ Desse trecho da obra de UNZETE, devemos apontar que não tínhamos, ainda, vinte anos de ditadura, mas viríamos a ter, outro ponto interessante é a grafia da expressão “Democracia Corinthiana”, com o “h”, pois segundo ele, foi dessa forma que o termo foi criado pelo publicitário Washington Olivetto, responsável pelo marketing do clube na época. Nós utilizaremos, exceto nas citações quando estiver grafado dessa forma, o termo “Democracia Corinthiana” pois foi a forma mais comum encontrada nos exemplares da *Folha de S. Paulo* e mesmo nas demais obras de referência.

O desencontro não poderia ser maior: a massa reclamava garra e entrega dentro de campo, Sócrates propunha serenidade e toque de bola; ela reivindicava a condição de time do povo, ele se reconhecia como autêntico produto da classe média; ela pedia paixão com as cores alvinegras, o jogador-intelectual lhe oferecia apenas o autodomínio. (2009, p. 173)

Apesar disso, a parceria prosperou e se a torcida teve que aceitar Sócrates, o inverso também ocorreu – não sem um estranhamento de todos, colegas, torcida e dirigentes, pois os atos eram distintos do senso comum existente sobre o jogador de futebol. Sócrates não gostava de treinos nem das concentrações, fumava, não dispensava uma cerveja gelada nem uma roda de samba. Com seu estilo mais intelectual filiou-se ao recém-fundado Partido dos Trabalhadores (PT) e fazia questão de deixar sua barba grande para parecer ainda mais com um revolucionário. Motivado pelo desejo de mudança no país, liderou a revolução que ultrapassou as barreiras do futebol, instalando-se na própria história cultural brasileira. A Democracia Corinthiana surge, também, das reflexões e pensamentos deste médico, craque e político:

O movimento idealizado por Sócrates que previa votação direta entre os jogadores e a diretoria para qualquer decisão a ser tomada. O primeiro passo tomado pela “Democracia Corinthiana” foi a derrubada da presidência do eterno ditador Vicente Matheus, assumindo, em seu lugar, Waldemar Pires, e como diretor o também democrata Adilson Monteiro Alves. A partir desse momento tudo era votado, tudo o que era de interesse do grupo passava pelo pleito da “Democracia Corinthiana”. (MARTINEZ, 2011, p.93-94)

Evidentemente temos clareza que, como em todo sistema real, existiam os choques e divergências internas, grande desconfiança externa e críticas por parte da imprensa e da torcida, sobretudo quando o time não rendia o esperado. Assim, no início de 1982 a Democracia Corinthiana estava sob suspeição. Resultados ruins e a queda para a segunda divisão do campeonato nacional foram apenas alguns dos problemas do clube nessa primeira fase que, em meados do mesmo ano, passaria pela deposição do presidente Waldemar Pires – substituído pelo vice, o “eterno” e emblemático Vicente Matheus – para findar o ano com a prisão – supostamente de forma armada – do atacante Casagrande por posse de entorpecentes. As críticas ao movimento, à abertura, à democracia, à “irresponsabilidade” do modelo, ganharam forças e adeptos.

Logo na sequência, temos outro episódio delicado no modelo, a contratação do goleiro Leão, que tinha características e uma personalidade que contrastava com a “Democracia”, apesar de terem sido consultados, os principais líderes aceitaram a contratação do goleiro por acreditar que ele poderia se ajustar ao grupo. Cabe destacar que essa decisão, ao contrário de outras, não passou por todo o grupo.

Junto com outras “excepcionalidades”, essa decisão restrita a um pequeno grupo contribuiu para difundir a ideia, dos críticos, de “democracia de três” (Sócrates, Wladimir e Adilson Monteiro).

Apesar disso, considerando os momentos difíceis ocasionados pela ditadura militar, o movimento Democracia Corinthiana representou uma esperança para uma sociedade que acreditava em mudanças. A liberdade impossível para essa geração tornava-se não só possível, mas praticada todos os dias dentro do Parque São Jorge pela “Democracia Corinthiana”, idealizada por Sócrates, e tendo como súditos Casagrande, Wladimir, Zenon, Zé Maria, entre outros.

Em março de 1983, início do nosso recorte cronológico, temos o retorno de Waldemar Pires à presidência do clube, contando com amplo apoio e envolvimento dos jogadores. Já no início do mês, a *Folha de São Paulo* (CONTRA, 1983, p. 24) apresentava a referida mobilização mostrando uma pesquisa realizada com os jogadores que demonstraram forte apoio à chapa “Democracia Corinthiana”, entre os quais apenas Biro-Biro defendia a volta de Matheus. Com uma vitória folgada da chapa “Democracia Corinthiana” (65%) contra a “Ordem e Verdade”, de Matheus, o modelo poderia ser retomado e ampliado. Cabe destacar que os jogadores Wladimir e Zé Maria foram convidados para compor a chapa e foram eleitos como conselheiros, algo surpreendente pelo fato de serem jogadores e, sobretudo, por serem negros. Mesmo que todo o mais falhasse, esse episódio já era em si extremamente revolucionário, pois provocava, nas palavras de Florenzano, “A reviravolta ontológica do atleta (...). De *animal* a *divindade*, mas sem jamais passar pela condição de cidadão.” (2007, p.22). Assim, apesar da ascensão social, a figura do jogador continuava marcada pela sua “inferioridade social e/ou racial”.

Cabe destacar a ampla cobertura da *Folha de São Paulo* (PIRES, 1983, p. 13) na eleição e na apuração de votos, com direito a manchete – “Corinthians elege ‘Democracia’” – e uma longa matéria mostrando os bastidores da eleição, mostrando que a vitória não foi tão fácil como se poderia supor: “Foram necessários muitos panfletos, brindes, boca-de-urna, apoio de máquina tão poderosa como a Rede Globo, para que a Democracia Corinthiana vencesse o imaginado dragão da maldade.” O texto encerra-se de forma premonitória: “(...) alguém duvida também que nesse Corinthians (...) contam só e sempre os resultados (...) Mesmo que não este Vicente, aparecerá sempre um Mateus de prontidão para colocar ‘Ordem e verdade’ na ‘Democracia Corinthiana’”. A ambiguidade, discutida no início desse artigo, aparece nesse texto jornalístico, com o sentido “a democracia é importante, mas sem bagunça”, assim no Corinthians, assim no Brasil, dentro do projeto idealizado na segunda metade da década de 1970 e abraçado pelo jornal. Ambiguidade também no apoio à chapa Democracia Corinthiana, que passava pelo ex-diretor do extinto DEOPS, delegado Romeu Tuma, ao deputado federal, Eduardo Suplicy do PT, que, sendo torcedor do Santos, justificava sua presença alegando solidariedade ao espírito do movimento.

No dia 30/03/1983 a *Folha de São Paulo* destacava na primeira página: “A democracia corintiana continua”. Com a saída do técnico Mário Travaglini por motivos pessoais, assumiu em seu lugar um integrante do próprio elenco, o lateral direito e conselheiro do clube, Zé Maria, que foi escolhido pelo grupo como “representante”. Mais uma vez revolucionando as relações, deixava-se de lado a expressão “técnico” para reforçar a ideia de coletivo. Atitudes como essas eram assustadoras naquele momento. No dia seguinte, o técnico Aimoré Moreira, afirmava na *Folha de São Paulo* (AIMORÉ, 1983, p. 24) que “é contra a democracia no futebol”, pois “(...) os jogadores acabarão mandando no clube e terão poder até para decidir sobre o destino de um treinador, diretor de futebol ou mesmo influir na escolha do presidente”. De outro lado, o articulista Galeno de Freitas, em artigo intitulado “A democracia e a nação corintiana”, após algumas críticas aos partidos políticos pois “(...) nenhum dos cinco partidos legais apareceu para tentar fornecer um conceito claro do que é democracia para o povão corintiano”, concluía afirmando que:

Por certo, no interior do Corinthians houve exageros de interpretação da palavra democracia. O que fornece munição para os reacionários denunciarem: democracia igual a bagunça. Nada mais falso. Mesmo porque o contrário de democracia é totalitarismo. E a democracia admite divergências, desde que se acate regras preestabelecidas. Assim como o futebol tem regras preestabelecidas. (FREITAS, 1983, p. 24)

Defesa da democracia, mas dentro da ordem, cada qual com seu papel e lugar, como se verifica no editorial do dia 01/04/1983, onde o jornal destaca que:

(...) não podemos ter “(...) extrapolações precipitadas, é claro. Nem os jogadores de futebol confundem-se com alguma “vanguarda das massas”, nem seria razoável estabelecer qualquer ligação entre a sorte dessa abertura futebolística e a daquela empreendida pelo País no plano das instituições políticas. (DEMOCRACIA, 1983, p. 2)

Apesar de terminar o editorial afirmando que “(...) nós vamos torcer a favor”, o jornal deixa bem claro que o jogador de futebol não é uma liderança política, uma “vanguarda”, guardando esse papel para si próprio, como baluarte da redemocratização, mas dentro de seu modelo.

Interessante destacar mais uma vez, que o Corinthians e sua democracia saíram das páginas de esportes para ocupar todo o jornal, o caderno de política em especial, e mesmo o caderno “Ilustrada”, falando sobre as “paixões”. O articulista Silvio Lancellotti, no artigo “Documentário mostra a democracia corintiana”, além de apresentar o filme “Corinthians, Corinthians”, de Júlio Lerner, tece duras críticas à imprensa que, segundo ele: “(...) se equivoca, por ingenuidade, incompetência ou má fé, ao apontar eventuais resultados negativos no campo de jogo como consequências de possíveis excessos ou exageros

na condução dos destinos da democracia corintiana”. (LANCELLOTTI, 1983, p. 32)

Isso foi uma constante ao longo de todo o processo, em cada partida. Além da vitória, estava em jogo a democracia. Em 01/05/1983, a *Folha de São Paulo* estampava na primeira página “Corinthians, a classificação ou nova crise”, sobre o jogo contra o Flamengo, afirmando ainda: “se o time for eliminado, o técnico Zé Maria deverá deixar o cargo e os dirigentes poderão reestudar a democracia corintiana”. Nesse mesmo exemplar, o título da matéria era bastante emblemático: “Corinthians não joga só a classificação.” (p. 33) De fato, logo na sequência, como “contam só e sempre os resultados”, a eliminação do time na Taça de Ouro, aliada às críticas da imprensa, acabaram provocando a saída de Zé Maria do cargo de técnico. Em seu lugar entrou Jorge Vieira que, por várias razões, não aceitava muito bem o modelo vigente:

Ele não tinha a menor intenção de contribuir para um movimento de cujas premissas discordava abertamente. Ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, o treinador exprimia uma visão de mundo na qual não havia lugar para a participação ativa nas decisões coletivas (FLORENZANO, 2007, p. 384)

A formação militar reforçava os conceitos de disciplina e hierarquia que contribuía para esse estranhamento, mas cabe ressaltar que independente dessa formação, seria – e ainda é – muito difícil que um técnico aceitasse discutir suas ideias e ordens com subordinados. Os resultados da equipe poderiam alterar um pouco essa forma de pensar, como destacava a *Folha de São Paulo*, em 05/05/1983, na primeira página “Democracia só com bom futebol diz Jorge Vieira” e também no texto intitulado “Jorge Vieira promete testar a democracia” (p. 31). Mas, na coluna de Aroldo Chiorino, vinha o recado inequívoco do novo técnico:

(...) alguns jogadores terão que entrar na linha, Zé Maria despede-se hoje em Porto Alegre como técnico corintiano e Jorge Vieira, que assume amanhã, já deu o seu recado: ‘As portas do clube estão abertas para quem quiser sair’. O novo treinador não pretende comprometer a chamada ‘democracia corintiana’, mas não permitirá bagunça e exigirá respeito à hierarquia (CHIORINO, 1983, p. 32)

Jogando contra, também verificamos a figura de Leão que, dentro das “premissas democráticas”, buscava apoio de alguns jogadores para ampliar uma “oposição” ao grupo de Sócrates, rivalizando com ele a disputa pela liderança dos jogadores.

A alternância entre bons e maus resultados, tão comuns no futebol, no Corinthians possuía um culpado extra: – além de técnicos e jogadores – a Democracia Corintiana era apontada como causa, tanto para os bons, quanto para os maus resultados. Em 29/06/1983, a *Folha de São Paulo*, deixava isso bem claro na matéria intitulada “Só

uma vitória evita crise no Corinthians” (SÓ, 1983, p. 26), afirmando que “Um mau resultado contra o Botafogo poderá apressar o confronto do técnico com a ‘democracia corintiana’”, se referindo ao modelo de concentração de novos jogadores, que poderiam voltar a ser o tradicional.

A disputa entre Jorge Vieira com as lideranças da Democracia Corintiana foi uma constante durante toda a passagem do técnico pelo Parque São Jorge. Para ele, “(...) todos podem e devem discutir, desde que cada um se mantenha no seu devido lugar.” (RODRIGUEZ, 1983, p. 35). O lugar do jogador era obedecer ao técnico e esse “desvirtuamento” promovido pelo novo modelo não poderia ser positivo, pois os jogadores, assim como o técnico, eram considerados empregados do clube e deviam seguir uma estrutura de hierarquia. Além disso, ficava clara a ideia de que jogadores não deviam se envolver com as questões administrativas do clube, os esquemas do técnico e a política nacional.

A interferência na política nacional não era bem vista, também, pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), que enviou ofício à Federação Paulista de Futebol (FPF) alertando que a frase “Democracia Corintiana” nas camisas dos jogadores não era publicidade, mas sim propaganda política e vetado pela deliberação que regulava a publicidade nas camisas. No dia 16/07/1983, a *Folha de São Paulo* destacava: “Corinthians apaga a ‘democracia’”. (CORÍNTIANS, 1983, p. 22)

O grande problema era que a discussão prosperava e chamava muita atenção, tanto no marketing do clube – que era notícia constante nos jornais – causando desconfiança e afetando vaidades de clubes rivais, quanto no aspecto mais amplo. A Democracia Corintiana era constantemente utilizada como modelo de referência para o Brasil. Carlito Maia, em crônica da *Folha de São Paulo*, por conta do feriado de 15 de novembro, afirmava que:

Futebol, paixão do povo só se dá bem na democracia. Futebol exige liberdade e participação popular (...) por isso sou fã da democracia corintiana (...). Logo mais se Deus e nós quisermos, vamos ter aqui também uma revolução pelo voto. (MAIA, 1983, p. 20)

Em 14 de dezembro de 1983, num jogo realizado no Estádio do Morumbi, os atletas corintianos entraram no campo antes da partida com uma faixa dizendo “Ganhar ou perder, sempre com democracia”. Mesmo em um movimento tão contestador e revolucionário, a equipe não fugiu de suas “raízes”, fazendo os milhares de corintianos presentes no estádio passarem pelo tradicional sofrimento.

Esse foi o último título da era da “Democracia Corintiana”, um movimento que ficará guardado para sempre na memória do corintiano e do povo brasileiro, uma pequena e providencial “rebelião intelectual” que proporcionou um novo horizonte para a nação, uma esperança de um dia poder repetir toda a felicidade

demonstrada pelos jogadores do Corinthians, no pequeno mundo livre do Parque São Jorge, quando o povo brasileiro sonhou em ser jogador do Corinthians, e os jogadores do Corinthians sonharam em ser o povo, porém, libertos da ditadura, como no regime da República Corintiana, presidida pelo excelentíssimo senhor presidente Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. (MARTINEZ, 2011, p.98)

A ideia da faixa era retomar o debate sobre o modelo, que vinha se enfraquecendo ao longo do segundo semestre de 1983, sobretudo em função de alguns resultados ruins, da resistência do técnico Jorge Vieira, de alguns jogadores – Leão – e, sobretudo, devido aos militares. O Corinthians foi a primeira equipe do Brasil a utilizar a camisa com fins publicitários e, em alguns momentos, optou por frases com apelos democráticos, tais como “Democracia Já”, “Quero votar para presidente” ou simplesmente “Democracia Corintiana”. Essa ideia de expor tais frases nas camisas do time não agradou aos militares e isso fez com que o brigadeiro Jerônimo Bastos procurasse o presidente corintiano, Waldemar Pires, ameaçando dar fim ao movimento se as frases e a apologia à democracia continuassem. Porém, apesar da intensa pressão, o movimento prosseguiu. (MARTINEZ, 2011, p.99).

Jorge Vieira, após essa vitória e a conquista do bicampeonato paulista, demonstrava, mais uma vez, seu descontentamento com essa “bobagem”, afirmando que “Tinham parado de falar nesta tal democracia, agora voltaram só porque ganhamos. Democracia, para mim, é respeito, disciplina, diálogo, hierarquia.” (JORGE, 1983, p. 24). A ideia de democracia do técnico não era muito diferente da dos militares que estavam no poder, mas bastante diferente do que pensava grande parte da sociedade civil, que se mobilizava em torno da redemocratização. As manifestações pela abertura e reestabelecimento pleno da democracia cresciam, ganhando o apoio de artistas, pensadores, políticos da oposição e principalmente do povo. É difícil determinar a importância da Democracia Corintiana nesse processo mais amplo, mas, inegavelmente, o engajamento dos jogadores, desses heróis de chuteiras, teve repercussão e ampliou a discussão.

O início de 1984 apresentava possibilidades reais de avanços democráticos. Dentro do Corinthians, a reapresentação do elenco trouxe a boa nova da venda de Leão ao Palmeiras, em grande medida por pressão do grupo ligado à Democracia Corintiana. Evidentemente, essa saída não se deu de forma fácil, já que Leão afirmava que “não via futuro” para a Democracia Corintiana. No âmbito da política nacional, ocorriam as grandes manifestações pelas “Diretas-Já”. Sócrates, Casagrande, Wladimir e outros jogadores uniram-se a cantores como Rita Lee, Toquinho e Djavan, pensadores e políticos da oposição, como por exemplo, Luís Inácio Lula da Silva – que ganhou enorme destaque nas greves do ABC no final da década de 1970 e era já na época a principal liderança dentro do PT. Engajados na campanha, os jogadores participaram de shows e eventos atraindo milhares de pessoas a favor do movimento que crescia cada vez mais no país.

(...) poucas vezes na história da República tantas pessoas concordavam que a democracia devia reassumir o seu lugar. De acordo com uma pesquisa publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 26/02/84, mais de 70% dos eleitores do PDS queriam eleições diretas para presidente. Isto é muito significativo, principalmente se pensarmos que o PDS era o partido de sustentação do governo militar e contrário à eleição direta. Justamente por isso, a campanha “Diretas-Já” tornou-se um importante elemento aglutinador na história recente do país. Teve o mérito de reunir em um único palanque as principais forças políticas do país – PT, PMDB, PDT, PCB, PC do B- além das principais lideranças de oposição ao regime militar, entre outros: Lula, Brizola e Ulisses Guimarães. (DIAS, 2000, p. 65)

Com isso, também aumentavam os admiradores dos jogadores corintianos, que não eram meros entusiastas corintianos ou amantes da bola. Os jogadores do Corinthians eram admirados como líderes políticos, como representantes do povo na luta pela liberdade. Nesse momento, as rivalidades clubistas poderiam ser amainadas, o time poderia ser fonte de orgulho para um palestrino. Afinal, como um torcedor do clube adversário – sendo, evidentemente, torcedor da democracia – poderia vaiar a equipe que entrou em campo em 19/02/1984 com elementos da cor amarela, simbolizando a campanha Diretas-Já, em seu uniforme? A faixa amarela na cabeça, a listra na chuteira, a fitinha no pulso, superavam e se sobrepunham ao alvinegro do uniforme. Felicidade do corintiano que poderia torcer pelo time e pela democracia no mesmo jogo. Não significa, porém, que todos os corintianos aprovassem essas manifestações. Sobretudo dirigentes e conselheiros constantemente apresentavam críticas ao modelo e, em especial, aos “exageros” cometidos:

(...) um membro do CORI – Conselho de Orientação, formado por velhos cardeais corintianos – destilou veneno no amarelo da democracia. O conselheiro Boaventura Farina disse que não estava gostando nada do posicionamento ideológico dos jogadores dentro do campo e afirmou que todos têm o direito de pensar como quiser, mas fora do clube. Bastou essa manifestação isolada para que os fantasmas que rondam a abertura gralhassem que o Corinthians receberá ordens de Brasília – mais precisamente do Serviço Nacional de Informações – para acabar com a alegria dos que querem Diretas-Já. (O ESTRANHO, 1984, p. 26)

No campo político o jogo continuava, ainda com possibilidades de vitória dos dois lados. Na escalação para o grande comício em São Paulo, um dos destaques foi Sócrates, que prometia ficar no Brasil – e no Corinthians – se o plano Diretas-Já fosse aprovado. Apesar dessas afirmações, grande parte das matérias apresentadas pela *Folha de São*

Paulo davam indícios da transferência de Sócrates para o futebol italiano. No dia 06 de abril, o jornal destacava a chamada “Sócrates já não tem motivos para ficar no Brasil” (SOCRÁTES, 1984, p. 26), onde mostrava as vantagens financeiras e pessoais dessa transferência, indicando também que o entusiasmo do jogador com a Democracia Corinthiana já não era o mesmo. No dia 08/04, o jornal já discutia a sobrevivência da “Democracia sem Sócrates, a discussão no Parque” (p. 36). O próprio Sócrates se mostraria bastante preocupado com o modelo após sua saída: “Se eu realmente sair, a coisa vai mudar. Não digo mudança como alteração, mas sim como contestação. A pressão de fora para dentro do clube será bem mais forte.” (SOCRÁTES, 1984, p. 22). Palavras premonitórias, a Democracia Corinthiana, pressionada por dentro e por fora, não sobreviveria à saída de Sócrates, conforme discutiremos mais adiante. Por hora devemos nos centrar em outra luta democrática.

Em 25/04/84, a Emenda Constitucional Dante de Oliveira, (PEC) nº 5, – que restabeleceria eleições diretas para presidente da República – foi derrotada no Congresso Nacional, composto majoritariamente por elementos do PDS, egressos da antiga ARENA, que ao contrário de seus eleitores, buscavam a manutenção do modelo. Para o jornal *Folha de São Paulo*, em editorial na capa:

Frustrou-se a esperança de milhões. Uma compacta minoria de maus parlamentares disse não à vontade que seu próprio povo soube expressar com transparência, firmeza e ordem. Nunca a sociedade brasileira se ergueu com tal vulto, nunca um movimento se irradiou de modo tão amplo nem o curso da história se apresentou assim palpitante e inconfundível. (CAI, 1984, p.1)

Para os corintianos, essa frustração era acrescida de outras dores. Alguns resultados ruins impediam o time de chegar à final do campeonato brasileiro – adiando assim o sonho de participar da Libertadores da América – e, sobretudo, o anúncio da venda de seu maior ídolo, Sócrates, para a Fiorentina da Itália, em nada ajudou. Restava lutar pela manutenção da democracia interna, que passaria a contar com um apoio ainda mais efetivo de amplos setores da sociedade civil, como bem destaca Florenzano:

Com efeito, a luta política havia transcendido os muros do Parque São Jorge e suscitado a pronta solidariedade de diversos setores da sociedade civil. Do sindicato dos padeiros de São Paulo ao dos metalúrgicos do ABC, passando pelos artistas do Rio de Janeiro, as manifestações de apoio se acumulavam na mesa do dirigente. (2007, p. 474)

Apesar dos apoios externos, o modelo perdia muito com a saída de Sócrates – e posteriormente a de Casagrande, emprestado para o São Paulo. Importante destacar que os dois protagonizaram um dos últimos “gols” da Democracia Corinthiana: no embarque, em 10/06/1984, para o

jogo de despedida de Sócrates na Jamaica, o técnico Jorge Vieira – que havia barrado Casagrande por indisciplina – acabou não embarcando por pressões de Sócrates – que ameaçava não participar da sua própria despedida – e de Adilson Monteiro. Integrado o atacante e expulso o técnico, o presidente Waldemar Pires foi duramente criticado pela imprensa esportiva.

No ano seguinte, em abril, novas esperanças e frustrações. Tancredo Neves que, apesar de eleito de forma indireta pelo Congresso, era civil e ligado à oposição, reacende as esperanças de mudanças, no entanto:

(...) mais uma vez a população frustraria-se no seu anseio de mudanças e soluções. Antes de tomar posse, Tancredo adoeceu e em menos de dois meses faleceu. O vice-presidente, José Sarney (PFL) assumiu. Apesar de também ser um civil, não possuía a mesma empatia para com a população. Além do mais, Sarney havia sido presidente do PDS e um dos opositores da emenda “Dante de Oliveira”. A derrota das “Diretas-Já”, a morte de Tancredo e a posse de Sarney, acabaram impedindo, aos olhos de grande parte da população, a desejada renovação política. Estes fatos, aliados à crise econômica, acabaram contribuindo para o desencanto (...) (DIAS, 2000, p. 68-9)

No Corinthians a situação não era melhor. Nesse mesmo abril, Adilson Monteiro Alves, candidato à presidência do clube, foi derrotado, marcando o fim da Democracia Corintiana e o retorno dos velhos “ditadores”.

A guisa de considerações finais: a memória

“Com Wladimir muita determinação
O carisma de Matheus
Assim se forma o Campeão”
(*Sou Corinthians* - Negra Li e Rappin Hood)

De Adoniran a Negra Li e Rappin Hood, muitas histórias aconteceram. Contudo, é interessante notar que, ao lado de Wladimir, sobrevive a memória de Vicente Matheus, um dos “tiranos do Corinthians”. Mesmo que Adilson Monteiro e Waldemar Pires tenham papéis importantes na história do clube, nunca terão o mesmo espaço que Vicente Matheus na memória coletiva dos corintianos. A Democracia Corintiana tornou-se uma marca e, ao menos hoje com o processo de redemocratização consolidado, motivo de orgulho para todos os corintianos.

Fundamental destacar, nesse momento, a posição oscilante do jornal *Folha de São Paulo*, que em várias matérias indicava sua simpatia pelo modelo – também verificamos isso em algumas matérias assinadas, bem como no destaque dado às entrevistas de jogadores que

defendiam a “Democracia Corinthiana”. Por outro lado, também observamos críticas ao modelo, em especial àquilo que jornalistas e alguns técnicos chamaram de “excesso de democracia”, algo prejudicial à equipe e, normalmente, apontado como principal causa dos resultados ruins da equipe.

Esse modelo de gestão que inovou o futebol e de maneira corajosa influenciou o pensamento de uma nação em pleno período militar, rendeu para o clube dois títulos do Campeonato Paulista (1982 e 1983), um saldo financeiro positivo de U\$3 milhões de dólares e a quitação de todas as dívidas existentes na época. Mas, de todos os feitos, o maior sem dúvida, foi o símbolo da Democracia:

A Paideia democrática elaborada no Parque São Jorge proporcionava aos jogadores o aprendizado na arte de governar, individual e coletivamente, colocando a participação na resolução das questões comuns como condição *sine qua non* para a construção do projeto de autonomia, cujos pontos principais podem ser assim alinhados: participação na escolha do técnico ao qual se achavam subordinados (...); participação na estratégia de jogo adotada pela equipe; participação na contratação e dispensa dos integrantes do elenco; participação na elaboração das normas disciplinares (...); e, por último, mas não menos importante, engajamento nas questões sociais do país. (FLORENZANO, 2007, p. 40)

Muitas pessoas, jogadores ou não, lutavam por essa “participação”, que não veio em 1985. Frustrações e sofrimentos sempre fizeram parte da torcida corintiana, assim como a fé. A Democracia Corinthiana se foi em 1985, a “Democracia Brasileira” não veio em 1985. Aguardaríamos, todos, tempos melhores e mais democracia. Assim como se espera pelo campeonato seguinte para alcançar o título, esperaríamos pela eleição seguinte para alcançar o tão almejado lugar ao sol.

Referências

A DEMOCRACIA corintiana continua. *Folha de São Paulo*, p.1, 30/03/1983.

AIMORÉ Moreira é contra a democracia no futebol. *Folha de São Paulo*, p. 24, 31/03/1983.

CAI a emenda não nós. *Folha de São Paulo*, p.1, 26/04/1984.

CHAUÍ, Marilena – *Conformismo e Resistência*. 4º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHIORINO, A. Sete dias no esporte. *Folha de São Paulo*, p. 32, 08/05/1983.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do R. C. - "Na oficina do historiador. Conversas sobre história e imprensa" in *Projeto História*. Nº 35. São Paulo: EDUC, 12/2007, p. 255-272.

CONTRA o Fluminense a volta de Casagrande. *Folha de São Paulo*, p.24, 02/03/1983.

CORÍNTIANS, a classificação ou nova crise. *Folha de São Paulo*, p. 1, 01/05/1983.

CORÍNTIANS não joga só a classificação. *Folha de São Paulo*, p. 33, 01/05/1983.

CORÍNTIANS apaga a 'democracia'. *Folha de São Paulo*, p. 22, 16/07/1983.

DEMOCRACIA em Campo. *Folha de São Paulo*, p. 2, 01/04/1983.

DEMOCRACIA só com bom futebol diz Jorge Vieira. *Folha de São Paulo*, p. 1, 05/05/1983.

DEMOCRACIA sem Sócrates, a discussão no Parque. *Folha de São Paulo*, p. 36, 08/04/1984.

DIAS, Luiz Antonio - *A Geração Cara-Pintada: A participação dos jovens no processo de impeachment*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras. UNESP- Assis, 2000.

FLORENZANO, José Paulo . *A Democracia Corintiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: EDUC, 2009.

FRANCO Jr. , Hilário – *A Dança dos Deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FREITAS, Galeno de. A democracia e a nação corintiana. *Folha de São Paulo*, p.24, 02/03/1983.

JORGE Vieira promete testar a democracia *Folha de São Paulo*, p. 31, 05/05/1983.

JORGE Vieira contesta a vitória da democracia. *Folha de São Paulo*, p. 24, 16/12/1983.

KFURI, Juca – *A emoção Corinthians*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LANCELLOTTI, Silvio. Documentário mostra a democracia corintiana. *Folha de São Paulo*, p. 32, 06/04/1983.

LUCA, Tania R. – “História dos, nos e por meio dos periódicos” in PINSK, Carla B. (org.) – *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

PILAGALLO, Oscar - *História da Imprensa Paulistana: jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

MAIA, Carlito. Gracias Muchachos! *Folha de São Paulo*, p. 20,15/11/1983.

MARTINEZ, André. *Ídolos do Corinthians*. São Paulo: Ícone, 2011.

MARTINS, Mariana Zuaneti. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 2012.

O ESTRANHO silêncio do Parque São Jorge. *Folha de São Paulo*, p. 26, 03/04/1984.

PIRES fica mais dois anos no poder. *Folha de São Paulo*, p.13, 07/03/1983.

UNZETE, Celso – *Coleção ídolos imortais: os dez mais do Corinthians*, Rio de Janeiro: Maquinária, 2008.

RODRIGUEZ, Luiz Fernando. Na democracia de Jorge Vieira não se discute hierarquia, nem disciplina. *Folha de São Paulo*, p.35,10/07/1983.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da – *Mil Dias*. Os bastidores da revolução de um grande jornal. São Paulo: Trajetória Cultural, 1988.

SÓ uma vitória evita crise no Corinthians. *Folha de São Paulo*, p. 26, 29/06/1983.

SOCRÁTES já não tem motivos para ficar no Brasil. *Folha de São Paulo*, p. 26, 06/04/1984.

SOCRÁTES já sente a ameaça dos reacionários. *Folha de São Paulo*, p. 22, 09/04/1984.

Sites:

http://www.gavioes.com.br/p/as_origens

http://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/democracia_Corintiana

www.folha.com.br

Recebido em 14 de dezembro de 2015

Aceito em 23 de maio de 2016